

Carta semanal 23 (2018): Minha terra é onde meus pés pisam



Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

O título desta carta semanal – minha terra é onde meus pés pisam – é o lema de um local de encontro em Palermo (Itália) chamado Moltivolti, muitos rostos. Seu lema – *La mia terra è dove piedgio i miei piedi* – refere-se à experiência do grupo de proprietários, todos migrantes do Afeganistão, Bangladesh, França, Gâmbia, Senegal, Espanha, Zâmbia e de outras partes da Itália. É uma frase que merece ser estampada nos passaportes e nas fronteiras, em paisagens que sugerem a divisão da unidade essencial da humanidade.

O governo indiano acabou de excluir 4 milhões de pessoas que vivem no estado de Assam. O que acontecerá a eles não é claro. Essa população – a maioria muçulmana – é quase quatro vezes a população total da comunidade Rohingya, agora impiedosamente exilada de sua terra natal em Mianmar e enviada para o exílio em Bangladesh e em outros lugares. A maioria de vocês que lê esta carta semanal está familiarizada com a crise de refugiados no Mar Mediterrâneo, mas nem todos sabem que há milhões de seres humanos na África e na Ásia que estão em movimento, cujos movimentos são limitados por fronteiras de um tipo, ou de outro.

É bem conhecido que existe um fluxo intenso de imigrantes de toda a África para Líbia e Europa. Contudo, o que não é tão claro é como a Europa e os Estados Unidos tem feito para resolver esse “problema”. O que os europeus e os americanos tem feito para mover – sem nenhuma discussão internacional – a fronteira europeia da margem norte do Mar Mediterrâneo até a margem sul do deserto do Saara. Centenas de milhões de euros e dólares estão sendo gastos para construir um cordão militar pelo Sahel, da Mauritânia ao Chade. O pretexto usado é a Guerra ao Terror e a Guerra as Drogas. Mas isso é apenas uma pequena parte da história. A verdadeira história está em outro lugar, dentro dos corações da nova expansão militar do Ocidente. Para ler mais sobre isso, e sobre o orçamento militar dos EUA para o próximo ano, por favor, veja a reportagem desta semana **aqui**.

É muito mais fácil tratar das questões como os discursos comerciais de Brexit e do Trump, muito mais fácil falar sobre a intervenção eleitoral da Rússia nos EUA, mas mais difícil ainda se concentrar em questões que impactam centenas de milhões de pessoas da África e da Ásia (e pessoas dentro dos EUA sendo marginalizadas das pesquisas, como eu relato **aqui** pelo *Frontline*).

A pintura abaixo é da pintora iemenita Haifa Subay. É seu último trabalho. Isso sugere o resíduo humano da terrível Guerra que caiu sobre seu povo, um povo cuja terra não parece mais capaz de segurar com seus pés.



Nossos amigos do **Abahlali baseMjondolo** – o movimento de moradores de cabanas na África do Sul – relata vários incidentes de ataques a seus líderes e ameaças de execuções. Estes não estão passivos. A violência é uma forma essencial de como a propriedade se defende contra a humanidade. “Nossas vidas continuam a valer nada nesta sociedade”, escrevem eles. “Podemos ser despejados, ameaçados e assassinados impunemente. Nós não vamos voltar atrás. A luta pela terra e pela dignidade continua”. Mas, é importante que recebam mensagens de solidariedade e que as autoridades da África do Sul sejam informadas de que existe um mundo que está observando como o Estado responde à busca dos mais pobres na África do Sul para obter justiça. Para mais informações sobre as lutas na África do Sul e o papel dos sindicatos, veja este novo **relatório** sobre o trabalho da União Nacional dos Metalúrgicos.

Há tanta vergonha em nosso mundo. É a vergonha criada não da natureza humana, mas das motivações construídas em um sistema que coloca propriedade, poder e privilégio sobre outras grandiosas motivações humanas. Não é possível fazê-lo na batalha de ideias. Lendo Corina Rodríguez Enríquez das Alternativas de Desenvolvimento com Mulheres para uma Nova Era (DAWN) sobre a importância dos sistemas de cuidadoras e cuidadores. Tomando o exemplo do México, Rodríguez Enríquez mostra que o valor monetário do trabalho doméstico não remunerado é estimado em 21% do PIB, mais do que em manufatura, comércio e construção, transporte e mineração. Apesar disso, o poder dos trabalhadores domésticos e assistenciais remunerados e não remunerados é praticamente nulo. Nos barracos na África do Sul e que estão organizados em Abahlali baseMjondolo trabalham nestes setores. Não ajudam apenas a ajudar a reprodução da sociedade humana, mas também produzem valor monetário – como nos mostra Rodríguez Enríquez.

Em todo o continente Africano, as mulheres da ONU descobriram, quase metade das casas estão a mais de 15 minutos das fontes de água. Isso significa que mulheres e meninas – as principais transportadoras de água – transportam a água em mais de 70% dos domicílios. Leva tempo para fazer esse trabalho, o tempo que é tirado de outras atividades: de fato, leva 40 bilhões de horas para fazer esse trabalho por ano (o equivalente a um ano de trabalho da força de trabalho francesa). Por que isso é importante para Rodríguez Enríquez e para a As

Mulheres da ONU é que isso mostra a falta de investimento feito pelo Estado para aliviar os ônus impostos pela economia do cuidado de gênero.

Rodríguez Enríquez aponta para o governo do Uruguai, que criou um **Sistema Nacional de Cuidados**. Três pontos precisam ser enfatizados: (1) o Uruguai oferece assistência infantil nacional para crianças menores de três anos de idade; (2) o Uruguai presta serviços para idosos e pessoas com deficiência; (3) O Uruguai profissionalizou os serviços de cuidados pagos, de modo que este setor sai das sombras (um relatório da OIT de 2016 mostrou que 50 milhões dos 67 milhões de trabalhadores domésticos estão no setor informal). Este deve ser um modelo para governos em todo o mundo.



A foto acima, de Mohannad Darabee, é da jovem militante palestina Ahed Tamimi, que acabou de ser

libertada, com a mãe, depois de cumprir uma sentença de oito meses em uma prisão israelense. Ahed, que completou 17 anos na prisão, foi encarcerada por esbofetear um soldado israelense um dia depois que tropas israelenses atiraram contra sua aldeia de Nabi Saleh, atingindo seu primo Mohammed. Ahed é corajosa. Ela é uma das muitas, muitas crianças que estão na linha de frente das lutas para criar um mundo melhor. Alice Speri escreveu um belo **ensaio** sobre o retorno de Ahed para sua família. É uma leitura longa, mas que eu recomendo para este fim de semana. Assim como em Ahed, há um post no blog sobre ela e no BDS no **site** LeftWord Books, bem como uma **resenha** do volume do LeftWord Books sobre o Teatro Palestino da Liberdade, uma parte fundamental da luta pela emancipação do povo palestino.

Na Palestina, Abdelaziz Mousa Thabet e Sanaa Thabet – ambos do Centro de Treinamento e Aconselhamento da Criança e da Família em Gaza – escrevem com tanto sentimento sobre o trauma infligido a essas crianças pela ocupação israelense. Estes são cientistas (Abdelaziz foi Professor de Psiquiatria da Criança e do Adolescente na Escola de Saúde Pública da Universidade Al Quds em Jerusalém). Seu trabalho e os de Nadera Shalhoub-Kevorkian da Universidade Hebraica de Jerusalém capturam os danos causados a essas crianças. Por mais corajosos que sejam, ainda são crianças. É mais uma razão pela qual a ocupação israelense é tão horrível, tão brutal.



Falando de crianças, em Dhaka (Bangladesh), jovens crianças de escola ocuparam os centros das cidades. Eles estão com raiva porque o Estado não tem conseguido protegê-los enquanto eles fazem suas longas viagens à escola. A morte de dois adolescentes, atropelados por um ônibus em alta velocidade, provocou esse protesto de

quase uma semana. Uma placa coloca o marcador em revolta – “Estrada fechada. Reparo nacional em andamento”. São as crianças que fizeram essa afirmação. Eles querem muito mais. A foto acima é do cronista bengalês da classe trabalhadora, **Taslina Akhter**, que leciona na **Academia Média do Sul Asiático Pathshala**. O trabalho de Taslima para documentar a vida dos trabalhadores de vestuário e documentar sua morte (no Rana Plaza) deve ser amplamente visto. Esperamos que essas crianças abram uma nova dinâmica contagiosa dentro de Bangladesh.

Na próxima semana lançaremos o dossiê do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social sobre as guerras comerciais e sobre o imperialismo das finanças – um dossiê dedicado a uma fascinante entrevista com o professor Prabhat Patnaik. Para edições anteriores das cartas semanais, para os nossos dossiês e para o nosso documento de trabalho, por favor visite o nosso website. E, se você estiver sentindo um breve alegria, leia a minha **resenha** do excelente filme de Boots Riley, *Sorry to Bother You* (Desculpa incomodá-lo). O título do filme reflete como me sinto quando lhe envio essas cartas semanais. Desculpe incomodá-lo, mas que assim seja.

Cordialmente,

Vijay.

PS: Para subscrever nosso boletim, envie email para andre@thetricontinental.org



ALEXANDRA
KOLLONTAI
1872-1952